



A construção de proximidade como estratégia do jornalismo televisivo contemporâneo

Valéria Maria Vilas Bôas¹.

Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe, Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação e na Cultura – TRACC | UFBA.

Resumo: A partir da análise de momentos recentes do Jornal Hoje e do Jornal Nacional, demonstramos e discutimos uma mudança na postura hegemônica que se consolidou como convencional para repórteres e apresentadores de telejornais. Se, historicamente, o padrão de atuação do repórter atende à regra de apresentar-se como alguém por quem a notícia apenas passa sem relacionar-se necessariamente com esse sujeito, tem sido cada vez mais comum que estes impliquem-se pessoalmente na apresentação dos fatos construindo uma partilha pessoal ao fazer questão de dividir a sua opinião, sua experiência ou sua emoção com o público.

Palavras-chave: Telejornalismo; Repórter televisivo; Televisão brasileira; Jornal Hoje; Jornal Nacional.

1. Introdução

Em 2013, a jornalista Sandra Annenberg ganhou o prêmio Melhores do Ano do programa Domingão do Faustão, na Globo, na categoria melhor jornalista. Concedido para atrizes e atores, cantores e melhor música do ano, o prêmio incluía até 2014 a categoria repórter e atualmente conserva a categoria jornalista, existente desde 2003 – a premiação existe desde 1995. Selecionados em uma consulta feita aos funcionários da emissora, os três profissionais mais votados em cada área recebem votos do público e o mais votado leva o troféu de sua categoria. Duas semanas depois de recebê-lo, Sandra,

¹ Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe e pesquisadora associada ao Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação e na Cultura – TRACC | UFBA. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pelo PósCom | UFBA. E-mail: valeriavilasboas@ufs.br

apresentadora do Jornal Hoje à época (Sandra ocupou a bancada do telejornal, sem interrupções, entre 2003 e 2019), voltou ao programa dominical para falar de sua carreira e participar do Arquivo Confidencial², que misturava os depoimentos do marido, o também jornalista Ernesto Paglia, da filha, das funcionárias pessoais de Sandra, depoimentos de Evaristo Costa, seu companheiro de bancada no Jornal e Teresa Garcia, sua editora-chefe.

Os primeiros depoimentos, de Evaristo e Teresa, tentavam dar conta de um relato a respeito da função de jornalista assumida por Sandra, mas a partir de uma questão que parece ser colocada como fundamental para o reconhecimento que ela recebia do público naquele momento. Segundo Evaristo Costa, “(...) *ela é uma jornalista que faz questão de mostrar quais são seus sentimentos em relação às notícias que a gente passa no telejornal, e eu acho isso muito legal porque aproxima as pessoas que estão nos assistindo da jornalista. E todo mundo sabe que ela é uma pessoa, que ela também tem sentimento, que ela também sofre, que ela também fica triste, que ela também fica indignada com as coisas que acontecem e que a gente tem que negociar.*” Para Teresa Garcia, “*O que explica o fato da Sandra já ter se emocionado na bancada do Jornal Hoje é justamente essa capacidade que ela tem de se colocar no lugar do outro, da empatia, de se ver nas outras pessoas, de ser solidária às outras pessoas*”.

Respondendo aos colegas após ver os vídeos com depoimentos no palco do programa, ao lado de Faustão, Sandra comenta: “*Eu tô no jornalismo da tevê Globo há 22 anos, Faustão, e eu percebi muito essa mudança, e eu participei dessa mudança. Houve o tempo, de fato, em que a gente, e a gente continua é claro, dando a notícia, que é o mais importante, ponto. Agora cada vez mais a gente se envolve com a notícia e cada vez mais nós estamos junto, estamos todos juntos, né? A gente tá junto com o país, tá junto com o público, nós somos um só de fato, a gente quer que tudo seja melhor, a gente quer poder participar das mudanças, a gente quer poder aproximar do público o que de fato, o que é essa realidade, né, que tá acontecendo. Então eu participei muito, né? Dessa mudança toda, né?*”

² O vídeo pode ser visto pelo Globo Play: <https://globoplay.globo.com/v/2465047/> Acesso em 09 ago. 2020.

Essa mudança que a jornalista explicita em sua fala indica, justamente, que a sua postura não era algo isolado na emissora. Neste trabalho, o nosso objetivo é justamente rastrear momentos recentes indicadores desta mudança de padrão de atuação de repórteres e apresentadores em relação à notícia na Rede Globo. Ao apresentar a análise dos trechos selecionados, discutimos a passagem de uma estratégia recente de exploração do corpo do repórter como lugar de performatização da notícia, para um momento mais contemporâneo em que os jornalistas são convocados à cena da notícia como sujeitos pessoais.

2. Do cidadão ao sujeito

O processo de mudança de que fala Sandra Annenberg tem sido há algum tempo percebido e analisado por uma série de trabalhos que apontam uma transformação no jornalismo televisivo brasileiro no sentido de permitir uma performance mais flexível de apresentadores e repórteres construindo, inclusive, estratégias de aproximação entre estes e seu público. Durante boa parte dos anos 1980 e 1990 a performance padrão dos mediadores de telejornal obedecia ao que Gutmann (2014) identifica, a partir das análises de telejornais brasileiros, como a regra de apresentar-se enquanto ventríloquo do fato, alguém por quem a notícia apenas passa sem relacionar-se necessariamente com quem esse sujeito é. Já no início dos anos 2010, a autora também chama atenção para o fato de que o corpo do repórter passa a ser também “explorado como lugar de performatização do acontecimento narrado” (GUTMANN, 2014, p. 167). Gutmann identifica nos telejornais que analisa durante o seu doutorado, realizado entre 2008 e 2012, que “uma segunda forma de performar a notícia, através da assumida configuração de uma *persona* que agora utiliza o seu corpo não como estratégia de certificação de um suposto relato imparcial, mas como dispositivo expressivo de interpretação do enunciado” (GUTMANN, 2014, p.167). Nesse tipo de performance, apresentadores e repórteres tomam seu próprio corpo como modalizador discursivo e interpretavam situações cotidianas vividas pelos espectadores como modo de demonstração do dito.

Segundo Gutmann (2014, p.141), a atuação dos apresentadores de telejornal naquele momento já incorporava uma transformação a partir da qual, ocupando seus

postos de autoridade, esses sujeitos negociavam uma atuação em que performatizavam papéis corporificando a voz do telejornal e ora “buscam apagar sua condição de sujeito de modo a representar um sujeito imparcial que fala em nome da emissora”, ora “se esforçam para se colocar no discurso”.

Naquele momento, contemporâneo à pesquisa de Gutmann e ao prêmio que Sandra Annenberg recebe em Faustão, no entanto, a atuação emocional, que deixa ver aspectos ligados a uma experiência pessoal da repórter na bancada, parece singular a ponto de ser destacada como o que lhe diferencia em relação aos outros profissionais e lhe garante o reconhecimento do público. Em outros espaços do telejornalismo, contudo, como os de programas de debates ou entrevistas, baseados na conversação, essa estratégia de construção de aproximação pelo relato pessoal já se mostrava bastante presente, como indica Fernanda Mauricio,

(...) programas de entrevistas e debates, contemporaneamente, buscam legitimar-se diante da audiência fazendo-se cada vez mais semelhantes às conversas da vida cotidiana e, por isso, a partilha de experiências pessoais torna-se um elemento de atribuição de autenticidade para além dos conhecimentos compartilhados (MAURICIO, 2011, p. 320-321).

Nesse sentido, Gutmann indica que a simulação de uma conversa cotidiana entre os apresentadores que compõem uma bancada já aparecia como uma forte marca dos telejornais no início dos anos 2010 através da suposição da construção de uma *persona* que dialoga com sentidos de legitimação do jornalismo ligados à esfera pública e à condição de cidadãos ocupadas pelos jornalistas que, assim, não necessariamente se colocam em diálogo a partir de suas vidas e experiências pessoais, mantendo posições hierarquicamente distintas entre telejornal e público (GUTMANN, 2014, p. 157). De modo distinto, a convocação da experiência pessoal, como indica Mauricio, ao pôr em cena a troca de experiências pessoais, os programas jornalísticos evocam sentidos de confiança e amizade estreita entre duas pessoas e “a conversação aparece enquanto prática da vida cotidiana na qual os indivíduos podem despir-se emocionalmente, revelar seus segredos, encontrar interesses comuns e compartilhá-los” (MAURICIO, 2011, p. 323). Assim,

É nessa vinculação com o sensível e emocional que a abordagem da vida privada dos indivíduos se mostra pertinente para pensar papéis outros do jorna-

lismo. Considerar a audiência a partir de seus sentimentos implica pensar nas formas narrativas que valorizam os aspectos vividos como forma de legitimar a informação (MAURICIO, 2011, p. 323).

3. O pessoal em partilha

Na edição do Jornal Hoje de 09 de maio de 2013, sozinha na bancada, Sandra parece operar justamente a partir desse lugar de vinculação com o sensível – após a exibição de uma reportagem sobre o encontro entre uma filha e sua mãe usuária de crack, a apresentadora, quase chorando, relata³: *“Eu quero compartilhar com você que quando eu assisti a essa reportagem aqui na redação eu chorei, chorei muito, eu precisei sair, respirar, tomar uma água. Nós sempre mostramos os viciados de longe, nós sempre vemos os depoimentos das famílias falando dos seus também de longe, mas hoje, nós vimos o contato sendo feito, o momento do encontro e é chocante ver o que a droga faz com a pessoa, com a família. Nós vamos acompanhar o tratamento da dona Maria Cristina, mãe da Kelly, e vamos torcer pra que ela se recupere e volte a conviver com a filha e com as netas”*. Em vez de seguir um protocolo de apresentação que assume o lugar de autoridade e a fala imparcial do telejornal, Sandra convoca a sua reação pessoal ao assistir à reportagem pela primeira vez como modo de estabelecer uma partilha com o espectador – “eu chorei, chorei muito, precisei sair, respirar, tomar água”.

Esse sentido de partilha não se sustenta pelo lugar do cidadão em sua relação com a esfera pública – Sandra não faz referências à necessidade de intervenção do Estado no controle de uso a drogas, nem à situação de internação de usuários de drogas no país, mas reforça um enquadramento feito pela matéria sobre as relações familiares em torno de uma pessoa viciada. Ao convocar a si mesma na bancada, a apresentadora não figuratiza um eu que assume um lugar de jornalista necessariamente, ou que fale pelo telejornal, mas constrói uma partilha pessoal ao fazer questão de dividir a sua emoção com o público. Se por um lado os momentos em que Sandra Annenberg se mostra emocionada na bancada do Jornal Hoje são comuns, mesmo a atuação de William Bonner, apresentador há mais tempo na bancada do Jornal Nacional, principal telejornal da emissora e lugar de mais recorrência das marcas consolidadas do telejornalismo, tem

³ O vídeo deste momento pode ser visto através deste link no Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=9o2_eHdf9Fg Acesso em 09 ago. 2020.

adotado uma performance que foge à regra de uma expressão que não deixa que o telespectador perceba qualquer traço de um eu existente na figura do apresentador⁴. Na edição de 21 de janeiro de 2015, por exemplo, ao corrigir uma informação sobre uma matéria a respeito do andamento de obras para erguer linhas de distribuição para melhorar a distribuição de energia no país⁵, William Bonner ergue a coça a sobrancelha fazendo uma expressão que sugere uma espécie de *mea culpa* pelo erro. Ainda que assuma uma construção frasal que coloca o erro em um nós que significa a equipe do telejornal, é o próprio William quem o assume quando expressa em seu rosto um pedido de desculpas.



Figuras 01, 02, 03, 04: Sandra Annenberg se emociona na bancada do Jornal Hoje em duas ocasiões e William Bonner se desculpa por erro no Jornal Nacional.

Ainda em 2015, a repórter Maria Júlia Coutinho, que havia assumido a apresentação da previsão do tempo do Jornal Nacional três meses antes, sofreu um ataque racista em uma foto sua publicada na página do telejornal no *Facebook*. Vale destacar que Maria Júlia havia se tornado apresentadora da previsão do tempo em um momento

⁴ O Buzzfeed Brasil fez uma lista das 20 vezes em que William Bonner “nos pegou desprevenidos” com momentos dele apresentando o Jornal Nacional e reagindo de modo inesperado a algumas situações, e outros momentos em que ele se manifesta sobre sua vida pessoal nas redes sociais. É curioso observar a lista de 2015 disponível neste link: <https://www.buzzfeed.com/rafaelcapanema/william-bonner-voce-e-doído-cara?utm_term=.ubK5V1AOn#.ydz0B1ZGK> justamente porque ela parece indicar momentos em que o jornalista assume um lugar de sujeito que não necessariamente se posiciona a partir da voz coletiva do telejornal, mas de um si mesmo a partir do qual constrói uma relação com o espectador. Acesso em 09 ago. 2020.

⁵ É possível ver o vídeo no Globo Play: <https://globoplay.globo.com/v/3908873/> Acesso em 09 ago. 2020.

de mudança do Jornal Nacional. Em 27 abril de 2015, a repórter estreia no JN junto com uma mudança de cenário que permitia, sobretudo, uma dinâmica de apresentação em que os apresentadores poderiam circular livremente e interagir com repórteres e correspondentes a partir de um telão que permitia a exibição dos mediadores que não estavam no estúdio, mas apareciam praticamente em tamanho real. Assim, a interação entre mediadores a partir do estúdio se configura como principal questão daquela mudança. Maria Júlia, desde a sua estreia, é apresentada pelo apelido, Maju, e essa pressuposição de intimidade marca o modo de tratamento dado pelo telejornal ao episódio de ataques racistas sofridos por ela. Em um primeiro momento, William Bonner e Renata Vasconcelos aparecem em primeiro plano em um vídeo de apoio à apresentadora da previsão do tempo⁶: gravado na sala de reuniões do JN, o vídeo exhibe inicialmente Bonner e Renata em uma espécie de vídeo-selfie feito por ele enquanto diz: “*Oi, eu tô na sala de troféus do Jornal Nacional, que é a nossa sala de reuniões, e essa aqui é a Renata Vasconcelos, tudo bem, Renata? A Renata e eu e a equipe do Jornal Nacional tivemos uma ideia, a gente queria dar um recado pra vocês e o recado é esse aqui, ó.*” Nesse momento, Bonner desloca o enquadramento do vídeo para mostrar as pessoas no fundo da sala enquanto todos repetem “Somos todos Maju”, mesma frase escrita em um papel que Renata segura com # e o desenho de um coração. Chama atenção o fato de que não há nenhuma outra pessoa negra na equipe ali representada. Durante a edição daquele dia, o episódio vira pauta e é retomado em uma conversa com a própria Maju, que ganha espaço para falar de um ponto de vista bastante pessoal sobre o caso. Antes disso, contudo, Bonner e Renata apresentam o caso colocando também um ponto de vista jurídico⁷ no diálogo que transcrevemos a seguir.

Bonner: A Maria Júlia recebeu, nesta sexta, uma demonstração de carinho do tamanho do Brasil. Hoje é o dia nacional de combate à discriminação racial e uns 50 criminosos publicaram comentários racistas, de maneira coordenada, contra ela, na página do Jornal Nacional no Facebook. Só que o que aconteceu depois, de uma forma absoluta-

⁶ O vídeo pode ser visto neste link: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html> Acesso em 09 ago. 2020.

⁷ O vídeo poder ser visto através desse link: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/07/comentarios-racistas-contra-maria-julia-coutinho-serao-investigados.html> Acesso em 09 ago. 2020.

mente espontânea e avassaladora, foi que milhares e milhares e milhares de pessoas manifestaram a indignação e o repúdio aos criminosos. Na internet, a expressão ‘Somos Todos Maju’ ganhou todas as redes sociais.

Renata: E isso também acabou provocando a reação das autoridades. No estado do Rio, por exemplo, o Ministério Público pediu à Promotoria de Investigação Penal que acompanhe o caso, com rigor, na Delegacia de Repressão a Crimes de Informática. E, em São Paulo, o promotor criminal Cristiano Jorge dos Santos instaurou inquérito para apurar os crimes de racismo e injúria qualificada.

Bonner: A Globo espera que essas ações cheguem a bom termo e que os criminosos sejam punidos, de verdade. E, além disso, a própria Globo também está estudando as medidas judiciais cabíveis. Agora Maria Júlia, deixa eu pedir um favor pra você, divide com o público do Jornal Nacional aquela mensagem linda que você mandou pra gente por e-mail hoje à tarde aqui porque tava todo mundo preocupado com você. Você mandou uma mensagem maravilhosa. Divide aqui com todo mundo.

Maju: Estava todo mundo preocupado. Muita gente imaginou que eu estaria chorando pelos corredores, mas, na verdade, é o seguinte, gente: eu já lido com essa questão do preconceito desde que eu me entendo por gente. Claro que eu fico muito indignada, fico triste com isso, mas eu não esmoreço, não perco o ânimo, que eu acho que é isso que é o mais importante. Eu cresci numa família muito consciente, de pais militantes, que sempre me orientaram. Eu sei dos meus direitos. Acho importante, claro, essas medidas legais serem tomadas, até para evitar novos ataques a mim e a outras pessoas. Eu acredito que isso é muito importante. E agora eu quero manifestar a felicidade que eu fiquei, porque é uma minoria que fez isso. Eu fiquei muito feliz com a manifestação de carinho mesmo, como vocês disseram. Eu recebi milhares de e-mails, de mensagens. Acho que isso que é o mais importante. E a militância que eu faço, gente, é com o meu trabalho, é fazendo o meu trabalho sempre bem-feito, sempre com muito carinho, com muita dedicação, com muita competência, que eu acho que é o mais importante. E, pra finalizar, Bonner e Renata, é o seguinte: os preconceituosos ladram, mas a caravana passa. É isso.

Bonner: É isso. A Majuzinha passa, como você gosta de dizer. Os cães ladram.

Maju: Os preconceituosos ladram, mas a Majuzinha passa.

Bonner: *Eu e a Renata falamos em nome de todos os colegas da Globo. É claro que todos aqui dentro repudiaram essas agressões absurdas. Somos todos Maju, né Renata?*

Renata: *Somos todos Maju. Hoje e sempre.*

Maju: *Obrigada, gente!*



Figuras 05, 06, 07: posicionamento do Jornal Nacional em relação aos ataques racistas sofridos por Maria Júlia Coutinho.

À época o modo de tratamento da questão foi questionado justamente porque ao tomar a *hashtag* “Somos todos Maju” como lema da espécie de campanha virtual de apoio à jornalista, o JN apagava as marcas de disputa racial presente no episódio ao sugerir que todos podemos nos colocar no lugar da repórter e sustentava o enquadramento que parecia sugerir que aquele era um acontecimento episódico, um fato isolado ou de pouca importância, apesar dele ter se tornado pauta do principal telejornal do país. Em uma construção bastante ambígua, o reconhecimento da diferença racial parece não operar ali no sentido de retomar, necessariamente, uma discussão sobre racismo. Ainda que a presença diária de uma apresentadora negra no JN seja significativa, ela expõe a ausência de outros mediadores negros naquele contexto e naquela equipe. Além disso, tanto o racismo quanto a resposta que se espera a ele são enquadrados de um ponto de vista individual – mesmo que haja ações jurídicas e que se qualifique racismo como crime, é a partir da sua atuação profissional, da sua presença ali, que Maju diz responder a ele.

Na edição do Jornal Nacional de 27 de abril de 2015, Cleiton Conservani e Carol Barcelos entram, via telão, ao vivo do Nepal, onde haviam passado por um terremoto⁸ enquanto gravavam para o programa Planeta Extremo, que esteve na grade da emissora em 2015. Durante quase vinte minutos, o Jornal Nacional exhibe duas matérias feitas pelos repórteres em Katmandu e uma conversa entre os 4 mediadores em tempo real.

⁸ O vídeo pode ser visto aqui: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/terremoto-no-nepal/>> Acesso em 09 ago. 2020.

Nas duas matérias, o comportamento da câmera chama bastante atenção – na primeira, feita por Ary Júnior com Cleiton Conservani, ela passa bem perto do chão enquanto mostra escombros e se movimenta para mostrar o repórter em meio a eles e faz um zoom para mostrar com mais detalhe o trabalho da equipe de resgate da qual o repórter fala; na reportagem de Carol Barcelos sobre a tentativa de saída da cidade de muitos sobreviventes, ela se posiciona sempre em meio às aglomerações, como na entrada de um ônibus no qual sobreviventes tentam entrar para sair da cidade.



Figuras 08, 09, 10: cinegrafistas faz imagens em movimento para mostrar escombros de terremoto no Nepal

Carol entrevista duas brasileiras que estão em um acampamento improvisado esperando um voo de volta para casa. Elas contam o que sentiram no momento do terremoto e de sua angústia até saber o que de fato estava acontecendo e da experiência delas. Carol introduz a sua: *“Desde o terremoto que atingiu o Nepal no sábado, às onze e vinte e seis da manhã, horário local, já sentimos a terra tremer muitas outras vezes. A mais forte durante uma entrevista na embaixada brasileira.”* As imagens feitas durante o tremor de terra mostram uma câmera trêmula que se movimenta para mostrar primeiro um porção que sacode e depois a repórter apavorada com o microfone na mão. As matérias se encerram com Monique e Daniele, as brasileiras, que aproveitam a presença da equipe de telejornal e enviam mensagens para seus pais no Brasil. A repórter, comovida, diz *“vocês estão voltando pra casa, daqui a pouquinho vocês já tão voltando pra casa.”*

Durante a conversa entre os repórteres e apresentadores, Carol segura um microfone e se comporta, ao mesmo tempo, como entrevistada de Bonner e Renata e entrevistadora de Cleiton. Ela responde às perguntas e segura o microfone para que o colega relate as situações que ela introduz na sua fala. Carol diz: *“à noite aqui, por volta das nove e meia da noite, a gente sentiu mais uma vez um forte tremor”*. Na sequência, posiciona o microfone para a fala de Cleiton que diz: *“É, nós estávamos no hotel, a última noite retrasada dormimos na recepção no chão, mas como a situação estava um pouco*

mais controlada, o hotel permitiu que nós fossemos para o quarto para um breve descanso, pra um banho, eu fui dar um cochilo, mal cochilei, fui acordado com minha cama tremendo e minha reação foi imediata como de qualquer um, saí correndo (...) foi um momento muito tenso, espero que a partir de agora os tremores comecem a diminuir e as pessoas possam retomar as suas vidas”. Mais à frente na conversa, Renata Vasconcelos, direto do estúdio no Brasil, pergunta: “Agora Carol e Cleiton, como é que vocês estão lidando com o medo de novos tremores aí, a gente sabe que existe essa possibilidade até duas semanas depois do tremor principal mesmo com vocês acostumados com situações limite por causa do programa, né? Planeta Extremo.” Em sua resposta, Carol chama atenção para o drama humano envolvido na situação e o interpreta a partir de si mesma: “É, Renata, a gente tá em estado de alerta aqui no Nepal, a gente realmente tá preparado pra situações extremas, mas normalmente o que você treina pra isso é a sua cabeça e o seu corpo e aqui eu confesso que o que a gente tá precisando ter muito forte é o coração por tudo que a gente tá vendo nas ruas e nos hospitais e eu acho que o coração de ninguém tá preparado pro que a gente tá vendo aqui, é muito triste a situação do povo no Nepal.” Cleiton reforça: “A equipe do Planeta Extremo tá preparada pra ir pra lugares em que as pessoas dificilmente passariam as férias com a família, então nós já vimos avalanches, já vi pessoas sendo resgatadas, já passei por situações de risco, de ter que tomar decisões sob pressão, mas acho que nenhum ser humano tá preparado pra ver tanto sofrimento, tanta dor, tanta tristeza, que tá acontecendo aqui no Nepal.”

Em sua fala final, William Bonner ressalta um lugar do jornalismo como aquele que nos possibilita entender a experiência do outro: “*Olha, vocês mencionaram Marcelo Outeiral, ele foi um dos editores daquele material maravilhoso que a gente pôde exibir na semana passada sobre os 50 anos de jornalismo na Globo. Um dos capítulos foi editado pelo Outeiral, tão logo ele terminou a edição ele embarcou com vocês. Então, citando aquele trabalho que nós exibimos que sirva de consolo, Pedro Bial, com a experiência que tem mencionou naquele programa que é absolutamente impossível esquecer a experiência que vocês tão tendo agora de terremoto. Foi sempre, de tudo o que ele viu, a experiência mais marcante de todas, ele disse isso no programa, então a*

gente sabe o que vocês estão passando até pelos relatos de um colega experiente como ele. Muito obrigada pra vocês, que tenham um bom dia, bom trabalho.”



Figuras 11, 12, 13, 14: Imagens da matéria de Carol Barcelos feitas de modo muito próximo às aglomerações; imagens dos quatro mediadores conversando em tempo real através de telão no novo cenário do JN em 2015

Na fala de Bonner, o aspecto profissional volta a marcar um lugar importante para a construção da relação de credibilidade pela atuação jornalística chamando em causa a trajetória de atuação da emissora mesmo em situações extremas. Ainda assim, nos parece que a possibilidade de abertura para um relato pessoal que vai além de um estar ali para dizer o que viu e inclui um sujeito com suas impressões, inclusive emocionais sobre o ocorrido, deixa ver uma transformação significativa na convenção hegemônica que estabelece para jornalistas visualmente aparentes e para aqueles cujo rastro se deixa ver pela ação da câmera uma atuação sóbria, discreta, uma imagem limpa, que deixe abertura para qualquer sentido que se construa a partir de um fato objetivo. Nesse sentido, o nosso olhar para o Jornal Nacional entende que como principal telejornal da emissora de maior audiência do país ele se apropria de marcas de inovação de linguagem de modo muito mais lento que qualquer outro programa do gênero telejornalístico, o que parece indicar, portanto, que a mudança na convenção parece ter chegado em um momento que indica sua possibilidade de consolidação.

A força dessas marcas de uma atuação que convoca, cada vez mais, traços pessoais dos jornalistas, pode ser acompanhada de modo muito presente, por exemplo, na cobertura que o Jornal Nacional tem feito da pandemia de coronavírus no Brasil. No dia 20 de junho de 2020, quando o país chegou ao número de cinquenta mil mortos pela

Covid-19, um diálogo entre Bonner e Renata Vasconcelos, na bancada do JN, conclamava cidadãos brasileiros a ter empatia⁹:

Renata: *“Uma nação se define como a reunião de pessoas que compartilham sentimentos, afetos, laços, cultura, valores, uma história comum. Empatia é a capacidade que o ser humano tem de se colocar no lugar do outro, de entender o que o outro sente. Uma nação chora seus mortos, se solidariza com aqueles que perderam pessoas queridas. Cinquenta mil. Diante de uma tragédia como esta, uma nação para, ao menos um instante, em respeito a tantas vidas perdidas. E é o que o Jornal Nacional está fazendo agora diante de tantas vidas perdidas desde março”*.

Bonner: *“E é um sinal muito triste dos tempos que nós vivemos que a gente tenha que explicar essa atitude. Não para a imensa maioria do povo brasileiro, de jeito nenhum. De jeito nenhum. Mas para uma minoria muito pequena mas muito barulhenta, para quem o que nós fazemos, o jornalismo profissional deveria, senão fechar completamente os olhos para essa tragédia, pelo menos não falar dela com essa dor. [...] A gente repete também cinquenta mil não são um número. São pessoas que morreram numa pandemia. Elas tinham família, mães, pais, filhos, irmãos, tios, avós, famílias. Tinham amigos, tinham conhecidos, vizinhos, colegas de trabalho, como nós aqui somos. E nós, como nação, devemos um momento de conforto para todos eles”*.

Renata: *“E para nós mesmos, porque nós somos uma nação [...]”*.

Entendemos que a construção dessa trajetória de abertura da figura pública de jornalistas não é construída unicamente nos espaços de atuação profissional, mas em um contexto mais amplo que agencia, inclusive, sentidos a respeito de aspectos subjetivos constituintes desses profissionais enquanto indivíduos. No contexto televisivo atual, a nossa observação parece indicar que a convocação desses aspectos parece ser incorporada cada vez mais à linguagem do telejornalismo a partir de uma construção de sentidos de espontaneidade, intimidade, e participação em relação ao público (HAGEN, 2008; PETERS, 2009; MAURÍCIO, 2011; PEREIRA, 2013; FRAZÃO, 2013; EVANGELISTA, 2015).

⁹O vídeo desta edição pode ser visto no Globo Play através do link: <https://globoplay.globo.com/v/8641318/> Acesso em 09 ago. 2020.

4. Considerações Finais

As trajetórias históricas das formas e convenções do telejornalismo se definem e redefinem em um diálogo constante com práticas diversas constituidoras de um contexto televisivo mais amplo. Assim, a mudança na convenção de performance de repórteres e apresentadores brevemente exposta aqui é perpassada por disputas não apenas com valores do jornalismo em si mesmo, mas também pelo modo como o jornalismo enquanto instituição dialoga com transformações sociais e culturais em geral.

O contexto atual em que, como argumenta Martín-Barbero (2009), já não apenas os meios de comunicação são constituídos pela cultura, mas, cada vez mais, a cultura é traspassada por subjetividades construídas a partir das nossas apropriações dos meios, parece ser definidor do modo como as formas televisivas também se configuram a partir de um tensionamento entre o pessoal e o político, entre o público e o privado. Dominique Mehl (2007), por exemplo, argumenta que em um contexto do que ela classifica como televisão de intimidade, os *talk-shows*, *reality-shows* e os programas de tele realidade dizem de um momento em que as pessoas comuns são recrutadas para falar de sua vida e suas experiências cotidianas revelando segredos que até então apenas se revelava em forma de murmúrios confessionais, agora expostos à observação e escuta de todos.

Nesse sentido, as rupturas observadas na forma convencional do repórter sério, isento, apartado do fato e por quem a notícia apenas passa e chega ao público através de imagens perfeitamente enquadradas e tecnicamente impecáveis parecem abrir espaço para que, com a conformação de um contexto sociocultural contemporâneo com limites cada vez mais borrados entre público e privado, pessoal e comum, surjam uma série de formas comunicativas que, ao atribuir um lugar privilegiado para os discursos de si dos sujeitos, jogam luz sobre os modos como temos abordado a relação entre relatos dos fatos a partir do jornalismo e suas imbricações com os relatos de nós mesmos.

Acreditamos que embora a postura que tenha se consolidado como hegemônica para o repórter e que valoriza uma noção de moral construída através de um corpo inex-

pressivo, bem-vestido, com boa postura, a história do jornalismo praticado em televisão nos apresenta vários exemplos em que posturas destoantes desse padrão funcionam de modo a atualizar a convenção e o nosso próprio entendimento do que o jornalismo é, e com quais estratégias ele autentica o seu dito ou sustenta o dizer de suas fontes.

Referências

EVANGELISTA, Amanda Falcão. **Corporalidade dos apresentadores como sujeito da notícia na sociedade dos meios e em vias de midiaticização**: Cobertura dos movimentos sociais Direta Já e Passe Livre pelo Jornal Nacional. 140f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Jornalismo). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

FRAZÃO, Samira Moratti. **Parceiro do RJ**: a prática do jornalismo participativo no RJTV 1ª Edição e as transformações na rotina profissional dos jornalistas. 243f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/1071>>. Acesso em 10 de abril de 2018

GUTMANN, Juliana. **Formas do Telejornal**: linguagem televisiva, jornalismo e mediações culturais. Salvador: EDUFBA, 2014.

HAGEN, Sean. A emoção como estratégia de fidelização da audiência: Jornal Nacional e os laços de afetividade com o telespectador. **Verso e Reverso**, v. 22, n. 50, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. As formas mestiças da mídia. **Pesquisa FAPESP Online**, edição, v. 163, p. 10-15, 2009.

MAURICIO, Fernanda. Reposicionando a Vida Privada: o papel dos testemunhos pessoais no telejornalismo. Rio de Janeiro: **Revista ECO-Pós**, v. 14, n. 1, 2011.

MEHL, Dominique. La télévision de l'intimité. In: **French Cultural Studies**, v. 18, n. 2, p.153-167, 2007.

PEREIRA, Renata Venise Vargas. **A queda da bancada e as mudanças na cena de apresentação dos telejornais**: Em busca da identidade e aproximação com o telespectador – uma análise do MGTV primeira edição. 233f. Dissertação (Mestrado Em Comunicação). Universidade Federal De Juiz De Fora, Juiz De Fora, 2013;

PETERS, Chris. **The Truthiness Factor**: Blurring Boundaries and the Shifting Status of objectivity and emotion in Television News. 334f. Tese (Doctor of Philosophy in Sociology/ The Faculty of Graduate Studies and Research/ Department of Sociology and Anthropology). Carleton University, Ottawa, 2009;